



revista
brasileira
de estudos
em dança

Maracatucá?! Maracatu!: Uma prática pedagógica em Dança nos anos iniciais do Ensino Fundamental

*Maracatucá?! Maracatu!:
A pedagogical practice in Dance
in the early years of Elementary School*

Wagner Leite dos Santos
Alexsander Barbozza da Silva

SANTOS, Wagner Leite dos; SILVA, Alexsander Barbozza da. Maracatucá?! Maracatu!: Uma prática pedagógica em Dança nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Revista Brasileira de Estudos em Dança**, v. 2, n. 3, p. 240-261, 2023.



RESUMO

O presente texto tem como objetivo compreender o impacto do Ensino da Dança com o Cortejo de Maracatu desenvolvido na Escola Municipal Padre Leonel da Franca, com turmas do Ensino Fundamental (anos iniciais), no segundo semestre de 2022. Desse modo, organizamos este escrito em dois batucões: (1) *A cultura afro-brasileira e os documentos da educação do Ensino Fundamental (anos iniciais) da Paraíba*, e (2) *Os processos de ensino-aprendizagem em Dança e o Cortejo de Maracatu*. Em seguida, refletimos acerca da experiência com as práticas pedagógicas em dança, no Cortejo de Maracatu. Com a efetivação deste estudo, acreditamos que a inserção dessa manifestação negra na instituição de educação formal pode indicar caminhos para pensarmos tanto numa Educação Antirracista em Dança, como no enfrentamento ao imaginário social, o qual restringe às pessoas negras a trajetória violenta da escravização.

PALAVRAS-CHAVE Dança/Educação. Ensino da Dança Antirracista. Cortejo de Maracatu. Relato de experiência.

ABSTRACT

The present text aims at understanding the impact of Teaching Dance with Maracatu's Cortege developed at Padre Leonel da Franca Municipal School, with Elementary School classes (initial years), during the second semester of 2022. Therefore, we organized this article in two drumbeats: (1) The Afro-Brazilian culture and the education documents of the Elementary School (initial years) of Paraíba, and, (2) The teaching-learning processes in Dance and the Maracatu's Cortege. Afterwards, we will reflect on our experience with the dance pedagogical practices in the Maracatu's Cortege. With this study in mind, we believe that the inclusion of this black manifestation in formal education institutions may point to ways of thinking about an Antiracist Dance Education, as well as to confront the social imaginary that restricts black people to the violent trajectory of slavery.

KEYWORDS Dance/Education. Dance Teaching. Maracatu's Cortege. Experience report.

Maracatucá?! Maracatu!: Uma prática pedagógica em Dança nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Wagner Leite dos Santos (UFPB)¹
Alexsander Barbozza da Silva (UFPB)²

¹ Artista-docente da Dança, Licenciando em Dança pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Residente pedagógico em Dança no subprojeto Dança/Teatro do Programa Residência Pedagógica - UFPB. Integrante do Grupo de Pesquisa Cena Preta - Quilombo. Tenho interesse em pesquisar sobre: Ensino da Dança Antirracista, o Corpo Negro na Dança, a relação entre Dança, Identidade e Educação.

Contato: wagner.leite.cont@gmail.com.

² Artiste-docente da Dança, Doutorande e Mestre em Dança pelo Programa de Pós-graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia (PPGDanca/UFBA), Especialiste em Arte-Educação pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI) e Licenciade em Dança pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atuo como professor substituto no Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e de Dança/Arte na Escola de Referência de Ensino Médio Aníbal Fernandes (EREMAFE- Recife). Tenho me dedicado à pesquisas sobre a Histórias dos processos de ensino-aprendizagem em Dança para âmbito escolar brasileiro, Currículo e Formação inicial de docentes em Dança.

Contato: abarbozza@outlook.com.

A título de introdução: A trajetória da identidade negra no cortejo de minha vida

Imagem (1). Registro da minha participação no desfile do Carnaval Tradição 2020 de João Pessoa/PB.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Optei por iniciar este escrito com a imagem acima, pois ela desenha a (re)conexão com as tradições afro-brasileiras em minha vida, neste caso, o Maracatu de baque virado. Relação essa que

se iniciou na Escola Municipal Landelino Rocha (Caruaru - Pernambuco), durante o Ensino Fundamental (anos finais), de modo que foi delineando os processos de construção das minhas identidades interseccionais³ (raça e sexualidade) em diálogos com os contextos sociais, especificamente com as instituições de educação. Como exemplo, posso citar a experiência que tive num grupo de dança durante essa etapa da Educação Básica, na qual realizávamos apresentações de Maracatu em culminâncias das festividades do calendário escolar. Essas apresentações foram minhas primeiras experiências de percepção racial, de maneira que viabilizaram refletir sobre esta dança e aspectos das culturas negras.

Por sua vez, durante o Ensino Médio, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE - Campus Caruaru), por via do movimento estudantil, comecei a me politizar quanto aos debates sociais, pelo prisma da sexualidade e da racialidade, atrelado às questões de classe. Isso me levou à busca de meios e estratégias para enfrentar as tecnologias de violências impostas pela hegemonia branca, heteronormativa, burguesa e de intolerância religiosa. Nessa direção, passei a integrar a gestão de grêmio estudantil, o qual se tornou um espaço profícuo para os debates sobre os marcadores sociais e como são responsáveis pela construção da realidade educativa atual.

Na busca pela ampliação de novos conhecimentos e experiências no/na/ne corpo/corpa/corpe⁴, ingressei em 2018, no Curso de Licenciatura em Dança na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde me deparei com uma estrutura racista que, em alguns componentes curriculares, mesmo pautando algumas danças afro-brasileiras, não davam conta de compreender a

³ O termo Interseccionalidade foi cunhado pela ativista negra Kimberlé Williams Crenshaw em 1986 e popularizado no Brasil pelo estudo da pensadora negra Carla Akotirene (2020). Para um maior aprofundamento da temática aqui apresentado, se possível ler o texto *Documentos para o encontro de especialista em aspectos da discriminação racial relativas ao gênero* (CRENSHAW, 2002)

⁴ No texto, optamos em evitar o uso do masculino genérico como posicionamento político, afirmando na linguagem marcadores de gênero comprometidos com a diversidade. Por isso, ao longo do escrito serão adotados, separados pelo sinal de barra (/), variações no masculino, feminino e gênero neutro – este último identificado com a letra “e”, incluindo neologismos.

subjetividade radical das pessoas negras, isto é, para além da dimensão da condição de escravidão, como bem salienta e nos ensina a escritora bell hooks em seu livro *Escrever para além da Raça: teoria e prática* (2021).

Durante a graduação, tive a oportunidade de participar de oficinas de Maracatu, Coco de Roda, Jongo e Cavalinho. Uma iniciativa do **Coletivo e Ponto de Cultura Maracastelo** que, como pontua Heloisa de Sousa (2019), iniciou suas atividades na Associação de Moradores do bairro Castelo Branco em João Pessoa/PB, depois foi contemplado com um projeto de extensão lotado no Centro de Educação (CE) da UFPB. O Maracatu e o Coco de Roda eram danças que tive contato em outros episódios de minha trajetória artística. A convite do Maracastelo, participei do Carnaval Tradição 2020 de João Pessoa, participando do desfile como Rei da corte no Cortejo de Maracatu.

Como resultado, essa experiência propiciou assimilar outra dimensão do Maracatu, não mais como uma dança folclórica, e sim como um saber do/da/de corpo/corpa/corpe que inscreve toda uma história de cultura, religião e resistência negra. Participar do cortejo me fez entender o quanto os processos de ensino-aprendizagem dessa Dança podem ser usados como meio para transgredir a estética do imaginário social disseminada nos âmbitos educacionais, que, de certo modo, invisibilizam a sofisticação dos saberes e culturas negras, colocando num lugar de marginalidade e invisibilização.

À vista do descrito, decidi mediar o Ensino da Dança de Maracatu atrelado ao Cortejo, no componente obrigatório de *Estágio Supervisionado I - Dança* do Curso de Licenciatura em Dança da UFPB, tendo a Escola Municipal Padre Leonel da Franca como o campo para essa prática. Isso porque acredito que, aproximando essa manifestação cultural das crianças, contribuimos para entendimento acerca dos fazeres e saberes afro-brasileiros, o pertencimento racial, religioso e cultural, e a assimilação de que é uma dança presente na cidade de João Pessoa e constituinte de sua história. Por isso, no dia 03 de dezembro de 2014, o Maracatu se tornou Patrimônio Cultural

Imaterial do Brasil, título concedido pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural.

Posto isso, os processos de ensino-aprendizagem, abordados na escrita, se colocam como pistas e meios de se trabalhar na busca por uma Educação antirracista em Dança, na qual se busca valorizar a presença, os fazeres e os saberes dos povos negros, bem como construir, no imaginário e no/na/ne corpo/corpa/corpe das crianças, relações com a ancestralidade de culturas e religiões negras paraibanas, como o Maracatu de baque virado⁵.

Sendo assim, organizamos esse texto em dois batiques intitutados como: (1) A cultura Afro-brasileira e os documentos da educação do Ensino Fundamental anos iniciais da Paraíba, e (2) Os processos de ensino-aprendizagem em Dança e o Cortejo de Maracatu. Posteriormente, refletindo acerca da experiência em Dança na Escola Municipal Padre Leonel da Franca. Por fim, finalizamos com as considerações possíveis de realizar com a efetivação deste escrito.

I Bataque: A cultura Afro-brasileira e os documentos da educação do Ensino Fundamental anos iniciais da Paraíba

De antemão, precisamos assimilar que o ensino da história e cultura Afro-brasileira e Indígena nas escolas são conhecimentos garantido por lei, desde o ano de 2008, com a homologação da Lei nº 11.645:

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. (BRASIL, 2008).

Mesmo tendo passado pouco mais de 14 anos desde a promulgação da lei, o ensino das culturas afro-brasileiras e

⁵ Como bem nos aponta o babalorixá e pesquisador Sidnei Nogueira (2020), em seu livro *Intolerância Religiosa*, é impossível discutir as questões de racialidade distantes dos aspectos religiosidade, visto que ambos foram determinantes para a realidade de subalternização das pessoas negras em nosso país.

indígenas nas salas de aula ainda encontram muitas barreiras e preconceitos. Especificamente, pelo fato da escola ser um espaço construído pela perspectiva do imperialismo branco (hooks, 2017). Todavia, a curtos passos, vamos caminhando e construindo uma sala de aula mais contemplativa e atuante quanto a essas culturas e histórias, viabilizando as construções das identidades, que por assim dizer se elaboram em codependência da diferença (SILVA, 2014). Dessa maneira, precisamos encontrar modos de ensinar-aprender a Dança centrado nos saberes das culturas afro-brasileiras, de forma que nos viabilize questionar a estrutura racista e a criação de um espaço educativo antirracista, como também, ao enfrentamento das realidades de intolerância religiosa.

Como resultado, essa normativa legislativa indica outras maneiras de organizar os currículos da Educação Básica, como também a formação inicial dos/das/des docentes. Nessa direção, a obra *Proposta Curricular do Estado da Paraíba: Educação Infantil e Ensino Fundamental* (2018) indica-nos as concepções sociofilosóficas, didático-metodológicas e políticas que regem essas etapas da Educação Básica em território paraibano, como também nos salienta como devem ocorrer os processos educativos no âmbito formal.

Sendo assim, é importante evidenciarmos que a Educação Infantil é organizada em: Bebês (Crianças de zero a 1 ano e seis meses); Crianças bem pequenas (Crianças de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) e Crianças pequenas (Crianças de 4 anos a 5 anos e 11 meses). Por sua vez, o Ensino Fundamental é organizado em anos iniciais (1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos) e finais (6º, 7º, 8º e 9º anos) (PARAÍBA, 2018). Uma vez que nossa experiência se deu no contexto do Ensino Fundamental (anos iniciais), abordaremos a perspectiva da Arte e do Ensino da Dança para essa etapa da Educação Básica. Outrossim, também atuamos com o anseio de assimilar se os processos pedagógicos das Danças Afro-brasileiras e Indígenas são contempladas no referido documento educacional, posto que ele é responsável pela construção da realidade educativa na Paraíba.

No referido documento, o componente de Arte encontra-se organizado em: Ensino de Artes Visuais, Ensino da Dança, Ensino

de Música e Ensino do Teatro. De certo modo, percebe-se que as Artes Visuais encontram-se com maior destaque tanto nas reformulações teóricas, quanto na abordagem de conteúdos. Dessa maneira, os processos de ensino-aprendizagem em Dança têm como “[...] função criar conexões entre o(a) estudante e seu corpo, seus sentimentos, pensamentos, posicionamento perante o mundo visando uma unidade, um ser cidadão” (PARAÍBA, 2018, p. 147).

À vista do exposto, constatamos que os processos de ensino dessa linguagem artística devem ocorrer de forma relacional, viabilizando reflexões entre os/as/es discentes e seu diálogo com a cena social. Para tanto, ainda o referido documento nos salienta que esse conhecimento, durante o Ensino Fundamental, deve ser mediado por docentes com formação específica, isto é, nas Licenciaturas em Dança. Todavia, poucas são as escolas na Paraíba que oferecem essa etapa de ensino e que apresentam, em seu corpo docente, professores/professoras/professores de Dança.

No que diz respeito às Danças Afro-brasileiras e Indígenas para todo Ensino Fundamental, o currículo da Paraíba (2018) nos expõe que um dos objetivos de aprendizagem do Ensino da Dança é possibilitar o: “[...] conhecer, reconhecer e valorizar as danças de matrizes indígenas, africanas e europeias, assim como identificar suas contribuições nas danças populares brasileiras” (p. 150).

Ao nosso entendimento, os processos de ensino-aprendizagem pautados na transmissão dessas danças proporcionam uma aproximação com as culturas negras e indígenas locais, a qual valoriza e proporciona a manutenção desses saberes e fazeres. Dessa forma, reconhecem a importância de tais danças nas construções identitárias das crianças, como de pertencimento da própria cidade. Como resultado, cria espaços para projeção de uma educação antirracista, confrontando os cânones ocidentais impostos nas lógicas das instituições de Educação Básica.

Outrossim, precisamos entender que múltiplas são as Danças afro-brasileiras e indígenas. Logo, a dança do Maracatu se faz contemplada, por ser uma manifestação cultural negra, que

compõe as produções da cidade de João Pessoa. Com efeito, as produções acerca dessa dança desenvolvida na escola, e refletidas aqui, dialogam com as proposições indicadas pelo currículo oficial de Educação do estado, potencializando, assim, um diálogo direto com a formação docente e as práticas de afirmação racial e de laicidade nas instituições de Educação Básica.

À vista disso, no próximo batuque, dissertamos sobre as relações, contribuições e contextualizações entre o Ensino da Dança e o Maracatu, e sobre os personagens e elementos que constituem o Cortejo de Maracatu.

II Batuque: Os processos de ensino-aprendizagem em Dança e o Cortejo de Maracatu

Como pontuamos acima, nesse batuque iremos apresentar um recorte histórico do Cortejo de Maracatu, juntamente com os personagens e signos que se fazem presentes neste. Além disso, refletiremos acerca dos pressupostos de Isabel Marques (2012) para o Ensino da Dança com as danças tradicionais, de maneira que consigamos pensar em processos de ensino-aprendizagem do Maracatu.

Na procura de uma definição quanto a origem do Maracatu, foi percebido que há muitas pressuposições a respeito dela. No entanto, no escrito intitulado *O Maracatu como ferramenta política e descolonização da cultura* (2017), a professora Laís Azevedo Fialho nos salienta que:

A explicação mais difundida entre os estudiosos do assunto, é a de que ele teria surgido a partir das coroações e autos do Rei do Congo. Muitos encontros e rituais foram originados nessas organizações em agrupamentos diversos, em torno dessas representações sociais, o maracatu de baque virado, segundo essa perspectiva seria um deles (p. 2).

Com o exposto, entendemos que o Maracatu de Baque Virado⁶ tenha surgido desses encontros e rituais, com o interesse

⁶ Há dois tipos de Maracatus: o Maracatu-nação ou de baque virado e o Maracatu rural ou de baque solto. Sobre a diferenciação entre os maracatus, Ivaldo Marciano de França Lima (2020) salienta que, o Maracatu-nação ou de baque virado se apresenta em cortejo com

de manter vivo um fazer-saber ancestral (marcado fortemente pela religiosidade), tendo como pano de fundo o distanciamento de suas origens e o contexto perverso da escravidão do Brasil. Ao nosso entendimento, o Cortejo de Maracatu afirma a resistência negra nos episódios históricos, de maneira que denuncia e confronta, nos espaços públicos (as ruas), os discursos construídos no imaginário social brasileiro, os quais restringem a imagem da pessoa negra ao lugar de subalternização e a crenças diabólicas (na perspectiva cristã ocidental). Ao apresentar a Corte Africana, viabiliza a construção de outra possibilidade de vivências culturais e religiosas da negritude. Nessa direção, Fialho (2017) ainda nos indica que o Cortejo de Maracatu:

É composto por uma corte com diversos personagens que dançam ao som do toque de maracatu. As baianas de cordão ficam dispostas em fileiras laterais, e vestem roupas padronizadas confeccionadas com chita, as baianas de branco são obrigatórias, as baianas ricas com suas roupas exuberantes. As calungas são consideradas sínteses da dimensão sagrada onde os axés do maracatu estão depositados, são elementos sagrados. (p. 4).

Nota-se a riqueza de personagens, signos e significados que se fazem presentes nessa prática social, que tem a dança como centro. Assim, Fialho (2017) nos explica que a cena do Cortejo se inicia pelo **Porta Estandarte** do maracatu, que anuncia o início desta ritualística negra. Em seguida, vêm as damas do paço com as **Calungas** que “[...] são as bonecas de madeira ou de pano que representam èguns mortos” (FIALHO, 2017, p. 4). As calungas simbolizam a religiosidade e a relação com os ancestrais, são elementos sagrados.

Por sua vez, as **Baianas Ricas**, que exalam alegria e exuberância com seus vestidos e giros. Depois disso, a **Ala dos Orixás**, formada por representações dos orixás que o Maracatu têm relações, para então apresentar a corte real do cortejo. Na **Ala da Corte**, se inicia pelas **Damas de Frente** que: “[...] são mulheres ricamente trajadas, com chapéus ornados com flores, as damas de honra, crianças que mantêm suspensas as capas do rei e da

personagens distintos que integram a corte (como pontuamos à frente). Já no Maracatu Rural ou de baque solto, o personagem predominante é o Caboclo de Lança, que usa um chapéu com fitas e uma lança de madeira.

rainha” (FIALHO, 2017, p. 5). Em alguns cortejos, ao invés de damas de frente, são príncipes/princesas/principies, duques/duquesas/duquesies. Por outro lado, não há damas de honra, encontra-se uma pessoa portando um sândalo para aparar os raios solares do **Rei e da Rainha**, expondo que, ali embaixo, estão pessoas importantes da realeza. Esses/Essas/Essies últimos/ultimas/ultimes personagens citados, são as figuras centrais no cortejo e os/as/es únicos/únicas/únicos que desfilam acenando para as pessoas, que assistem esse espetáculo de dança.

No que se refere aos processos de ensino-aprendizagens dos repertórios de Danças Tradicionais na escola, observamos que, na obra *Interações: crianças, dança e escola* (2012), a docente Isabel Marques nos expõe que os repertórios dessas danças são repletos de conhecimentos culturais, sociais, políticos e identitários que se materializam no/na/ne corpo/corpa/corpe. Dessa maneira, a autora nos ensina que: “[...] é necessário que as danças de repertório sejam em primeiro lugar, escolhida com critérios, e em segundo, ensinadas com amplitude, profundidade e clareza” (p.40).

Compreendemos que o ensino desses repertórios devem viabilizar a pessoas estudantes uma compreensão de si, do/da/de outro/outra/outra e da sociedade. Entretanto, Marques (2012) nos convida a pensarmos nos processos de ensino-aprendizagem de movimentos pré-estabelecidos a partir da problematização e questionamentos, de maneira que permita os/as/es discentes deixarem de ser meros reprodutores/reprodutoras/reprodutories para se tornarem criadores/criadoras/criadories de dança.

Para que isso aconteça, de acordo com Marques (2012), seria necessário uma contextualização histórica das danças tradicionais, como também a problematização de seus repertórios, de maneira que os/as/es discentes fossem interpelados a criar, tendo como base os repertórios dessas danças. Logo, os pensamentos de Marques (2012) nos levam a pensar outros meios de ensinar dança para além da técnica, que ressignifique e crie outros sentidos.

Abaixo, iremos expor as experiências com o Cortejo de Maracatu realizado na Escola Municipal Padre Leonel da Franca e,

de forma crítica, iremos refletir acerca da trajetória realizada nos processos de ensino-aprendizagem em Dança.

Entre batuques e pisadas: Um relato de experiência Ensino da Dança com o Cortejo de Maracatu

A Escola Municipal Padre Leonel da Franca foi inaugurada em 1985 e, na época, encontrava-se vinculada ao Programa Educacional do Estado da Paraíba. A partir do ano de 1988, passou a ser regida pela Rede Municipal de João Pessoa, onde se localiza na atualidade no bairro Ernesto Geisel. Por sua vez, oferece as seguintes etapas da Educação Básica: Educação Infantil e do Ensino Fundamental anos iniciais, nos turnos da manhã e tarde.

No que se refere à Educação Infantil, a escola atende três (03) turmas, sendo uma turma do PRÉ-1 pela manhã e duas turmas de PRÉ-2 no turno da tarde, atendendo, assim, o quantitativo de setenta e quatro (74) crianças nesta etapa de ensino. Em relação ao Ensino Fundamental anos iniciais, são dezenove turmas do 1º ao 5º ano, contemplando um total de quinhentos e vinte e quatro (524) pessoas estudantes. Desse modo, a escola é formada pelo número de quinhentos e noventa e oito (598) discentes⁷.

Os/As/Es estudantes da escola são oriundos do próprio bairro Ernesto Geisel, das comunidades dos arredores, como Citex, Nova República, Cuiá, José Américo, Água Fria e João Paulo II. Nota-se a presença majoritária de crianças negras (pretas e pardas) com predominância do gênero feminino e pertencentes da classe popular, em outras palavras, filhos/filhas/filhos de trabalhadores/trabalhadoras/trabalhadores assalariados/assalariadas/assalariades, comerciantes formais e informais e desempregados/desempregadas/desempregades. Além do mais, há a presença de mães solo que são donas de casa e as que atuam profissionalmente como empregadas domésticas.

O corpo docente da Escola Padre Leonel é composto por trinta e um (31) professores/professoras/professories e conta,

⁷ Informações colhidas no Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Municipal Padre Leonel da Franca de 2022.

ainda, com dois/duas/dues (02) intérpretes de Libras, sete (07) cuidadores/cuidadoras/cuidadores e uma técnica da sala multifuncional. No que tange o componente curricular Arte, há dois/duas/dues professores/professoras/professores, sendo um/uma/ume destes/destas/destes Licenciada em Dança e outro/outra/outra em Teatro. Racialmente falando, os/as/es docentes da instituição são formados/formadas/formades em sua maioria por pessoas brancas, isto é, mulheres brancas cisgêneras. Religiosamente, em sua grande maioria, professam a fé cristã, além de se afirmarem, em grande medida, heterossexuais.

Quanto a estrutura da escola, ela se divide em vinte e oito (28) espaços, sendo onze (11) salas de aula, e os outros distribuídos em: Diretoria; Secretaria; Sala de Professores; Sala de Vídeos; Sala Multifuncional; Laboratório de Informática; Sala da Equipe Técnica; Cozinha; Refeitório; Depósitos e Banheiros. Contudo, não há espaços para o recreio, ou seja para as crianças brincarem, afetando diretamente na relação delas como os/as/es seus/suas/suies corpo/corpos/corpes. Ademais, por não haver um espaço adequado para as aulas de dança, quer dizer, uma sala de dança com piso adequado, adaptações com barras, rampas e espelhos. As vivências práticas com essa linguagem artística ocorriam na sala de vídeos.

Portanto, as nossas vivências de Estágio I ocorreram com as turmas do 3º ano A (quintas-feiras) e 3º ano B (terças-feiras), a primeira formada com vinte e oito (28) crianças e a segunda com trinta (30) pessoas estudantes. Esse processo foi realizado com a supervisão da Profa. Msa. Hayala César de Sales⁸, uma grande defensora dessa linguagem artística no chão da escola.

No que diz respeito à prática do Ensino da Dança na Escola Municipal Padre Leonel da Franca, estruturou-se a partir de: **(1) Conhecendo o Maracatu (2) Dançando o Maracatu; (3) Vivenciando o Cortejo de Maracatu.** Ainda assim, houve, antes

⁸ Hayala César é formada em dança pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, (2012). É professora efetiva de dança do município de João Pessoa - PB, desde 2015. É Mestre em Artes, pelo Programa profissional de Mestrado em Artes - Prof Artes, da Universidade Federal da Paraíba/UFPB. Dançarina, docente e brincadora desenvolveu pesquisas relacionadas às danças tradicionais e a processos de criação em dança na escola.

da contextualização histórica do Maracatu, uma aula de percepção corporal e rítmica com as crianças, por via da dinâmica do espelho.

A referida dinâmica foi realizada em duplas, na qual, com orientações, as crianças se organizaram uma de frente para a outra e decidiam quem da dupla iria guiar e reproduzir os movimentos. A proposta começou com movimentos básicos do cotidiano, ao perceber que os/as/es discentes tinham entendido o funcionamento da atividade, solicitamos que fizessem a troca de quem guiava e quem reproduzia os movimentos. Com o passar do tempo, a dinâmica se completava, adicionando as variações de tempo (lento e rápido) e de níveis (baixo, médio e alto). Posteriormente, as pessoas estudantes foram direcionadas a criar sequências coreográficas, com os movimentos elaborados em duplas, como resultado, esses produtos em dança foram expostos para a turma. Para melhor compreensão, a seguir iremos expor alguns registros desse processo.

Imagem (2 e 3). Registros do Jogo do Espelho com a turma do 3º ano B.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Com a realização dessa atividade com as pessoas estudantes, foi possível experimentar processos de investigação de movimentos e de composição coreográfica. Iniciar o período de regência de aulas com essa dinâmica possibilitou às crianças momentos criativos em dança, como também a atenção organizacional dos movimentos, elaborando, assim, a

compreensão acerca de repertórios de movimentos pessoais e coletivos em dança.

No processo **Conhecendo o Maracatu**, apresentei um recorte histórico dessa manifestação negra, pontuando seu reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Sobretudo, evidenciamos que o Maracatu faz parte das produções culturais e religiosas de João Pessoa/PB, de forma que pudemos citar a existência do Maracatu Nação Pé de Elefante⁹ e do Coletivo e Ponto de Cultura Maracastelo. Para Marques (2012), no ambiente escolar, quando se expande as práticas de dança, considerando a leitura corporal na feitura e na apreciação e o contextualizar (histórias, tempos e espaços), ampliamos o universo das relações sócio-político-culturais. Relações estas, determinantes para construção de uma realidade que questiona as violências raciais e de intolerância religiosa, que por assim dizer, se materializam no/na/ne corpo/corpa/corpe.

A respeito da fruição, apresentamos vídeos de entrevistas com mestres/mestras/mestries de maracatus da Paraíba, juntamente com cortejos realizados pela Maracatu Nação Pé de Elefante, este último realizado no Carnaval Tradição de João Pessoa de 2020¹⁰, no qual foi possível ver os preparativos e ensaios para o desfile, a Corte, o Estandarte, o Sândalo, o Rei e Rainha do Congo, as Baianas Ricas, as Catirinas, os músicos, as Calungas e como acontece o cortejo na rua. Essas exposições ocorreram por meio da plataforma youtube, com apresentação em realidade aumentada intermediada por data show, computador e som.

A escolha de se trabalhar o Maracatu Nação Pé de Elefante se deu por entender que “[...] a performance dos Maracatus Nações demonstra seu lugar na afro-diáspora, de modo que o locus privilegiado de produção de saberes e de relações de comunicação é o corpo, seja cantando, dançando ou/e tocando.” (SALGUEIRO,

⁹ Localizado no centro histórico, no bairro Varadouro da cidade de João Pessoa/PB.

¹⁰ WILMA, Lady. **Maracatu Nação Pé de Elefante- Carnaval Tradição 2020**. Youtube, 2 de out. de 2020. Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=wYpnsK7hhZE>>. Acesso em: 25, Mai 2023.

2022, p. 137). Como também, há uma relação mais fincada com as religiões de matrizes africanas e, por desejar dar visibilidade e reconhecimento a este, pode propiciar uma relação de proximidade e pertencimento da cultura afro-brasileira às crianças.

Ao iniciarmos os processos de corporificação dos repertórios dessa manifestação negra, isto é, na etapa **Dançando o Maracatu**, tomamos como ponto de partida a compreensão das experimentações com as pisadas, uma por vez, organizamos essas pisadas com o ritmo e pulso e, depois, com o auxílio de música. Seguiu-se para os braços, nos quais foi orientado a manter os mesmos na altura do ombro e a imaginarem que estivessem segurando um elástico, que iremos puxar um lado de cada vez, movimentando um braço para cima (não passando da cabeça) e o outro ficando em frente ao corpo/corpa/corpe.

Para Marques (2012), esse processo de corporificação não é apenas copiar e decorar, mas sim compreender as histórias, contextos e atravessamentos das danças de repertório. Devido ao curto tempo do estágio, não conseguimos um momento para que as crianças experimentassem processos de criação a partir do repertório da dança do maracatu, para que se deslocassem do local de reprodutores/reprodutoras/reprodutorias para se tornarem criadores/criadoras/criadorias de dança.

Contudo, reconhecemos que o processo de criação é extremamente relevante nas aulas de dança, visto que, a partir das suas impressões sociais e subjetividades, é possível levá-los a se perceberem como pessoas que constroem conhecimento na Dança e em seu ensino. Desse modo, a imagem abaixo evidencia um registro do processo Dançando o Maracatu.

Imagem (4). Registro das crianças do 3º ano A aprendendo a dança do Maracatu.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Ao executar os movimentos pré-estabelecidos, foi indicado que as crianças corporificassem tais códigos, a fim de criar vínculos e relações e compreensão dos movimentos no corpo/corpa/corpe. Isso evidencia que conhecendo, vivenciando e percebendo os elementos que constituem a dança do Maracatu, como componentes da linguagem, concebemos caminhos de ampliação e aprofundamento das danças de repertório (MARQUES, 2012).

Com isso, optamos em trazer, além da dança do Maracatu, alguns elementos que se fazem presentes no Cortejo dessa manifestação cultural e religiosa, expondo signos como o Estandarte, o Sândalo, as roupas, personagens, entre outros que trazem significados. Outrossim, foi de extrema importância a confecção desses símbolos com as crianças, como o Estandarte e o Sândalo. Como é possível contemplar nas imagens abaixo.

Imagens (5 e 6). Registros das crianças do 3º ano B confeccionando o Estandarte e o Sândalo.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Como pontuamos no segundo batuque (segunda parte da fundamentação teórica), o estandarte é o signo que apresenta a nação às pessoas na rua, vai à frente, anunciando que o cortejo do Maracatu está passando. O sândalo expressa e representa que, debaixo dele, há pessoas importantes, da realeza, no Maracatu, o Rei e a Rainha do Congo, o esplendor do cortejo. Falando em Rei e Rainha do Congo, os papéis reais do cortejo, com roupas majestosas, coroas e cetros, desfilam acenando para o povo enquanto dançam Maracatu. Outro papel trabalhado em sala com as crianças foi o de Porta Estandarte, observando seus movimentos com o Estandarte, giros e formas de transportá-lo.

Por fim, e não menos importante, foi mostrado e trabalhado em sala, as baianas ricas, que representam parte importante do cortejo, ostentam vigor e alegria enquanto dançam e giram, proporcionando, assim, uma realocação no imaginário das crianças quanto às culturas negras paraibanas, trazendo para os/as/es corpos/corpos/corpes delas movimentos ancestrais.

Por último, realizamos o processo **Vivenciando o Cortejo de Maracatu** em sala de aula. Neste, enquanto guiávamos as

crianças por um caminho criado com as carteiras escolares na sala, para simular as curvas das ruas, perguntávamos em alto tom: “Maracatucá?!¹¹” e as mesmas respondiam em brado: “Maracatu!”. Esses dizeres em pergunta e resposta são característicos de grupos e Nações de Maracatu que, quando estão na rua fazendo seus cortejos, os fazem. Ainda assim, há grupos e Nações que possuem seus próprios dizeres. Então, foram convidadas algumas turmas do 4º ano para assistirem o Cortejo realizado pelos/pelas/pelies estudantes das turmas dos 3º anos.

Imagem (7). Registro do dia do Cortejo com uma das turmas do 3º ano.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Mesmo com tantos percalços, o cortejo de Maracatu foi realizado, visto que a escola encontrava-se passando por reformas estruturais, como também alguns impasses postos pela gestão da escola, tendo como pano de fundo a intolerância religiosa. Dessa maneira, acreditamos que o Governo do Estado da Paraíba, atrelado com a Secretaria de Educação, deve viabilizar formações continuadas aos/as/es gestores da escola, principalmente no que se refere à criação de espaço educativo antirracista.

De certa maneira, ao refletirmos acerca dessa prática na atualidade, reconhecemos que ela necessitaria de uma maior

¹¹ Maracatucá, na linguagem dos brincantes de maracatu, significa dançar e brincar maracatu.

abordagem acerca das questões de intolerância religiosa na escola, para a qual o Maracatu seria o meio de reflexão para o tema abordado, principalmente pela realidade posta pela gestão da instituição, como foi pontuado acima.

No fim, notava-se a alegria das crianças ao dançar Maracatu, o entusiasmo em vivenciar uma cultura e poder expressá-la, pois como nos diz Salgueiro (2022), dançar Maracatu é dançar ancestralidade, é dançar existências. A concretização do Cortejo de Maracatu com as crianças foi de grande relevância em nossa prática pedagógica, pois partiu-se do desejo de trabalhar um processo de ensino-aprendizagem em Dança centrado nos saberes afro-brasileiros. Trazer para a sala de aula as culturas negras locais, neste caso o Maracatu, reforça no imaginário das crianças as potencialidades, as riquezas e as belezas de tais culturas. Como também, instaura nos/nas/nes corpos/corpas/corpes pertencimento a estas culturas.

Considerações (quase que finais)

Como foi apresentado no decorrer do trabalho, este escrito se debruçou a compreender o impacto do Ensino da Dança com o Cortejo de Maracatu realizado com as turmas do 3º ano A e 3º ano B, do Ensino Fundamental anos iniciais da Escola Municipal Padre Leonel da Franca, no segundo semestre de 2022. A proposta pedagógica pretendeu viabilizar um Ensino da Dança centrado nos saberes e fazeres afro-brasileiros, de forma que danças da cultura negra local pudessem ser abordadas, causando, assim, aproximação e vivências destas em sala de aula, por meio do componente curricular Estágio Supervisionado I - Dança do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

A prática pedagógica atende aos preceitos da Lei Federal nº 11.645/08, que trata da obrigatoriedade do ensino das História e Cultura Afro-brasileira e Indígena nas escolas, como também os objetivos de aprendizagem dispostos para o Ensino da Dança, no componente curricular Arte do documento *Proposta Curricular do*

Estado da Paraíba (2018), que abordam as danças brasileiras como parte dos conteúdos e objetivos.

A manifestação negra trabalhada foi o Maracatu, a partir da qual foram trabalhados os aspectos históricos, a dança e o Cortejo. A contextualização do Maracatu na cidade de João Pessoa/PB se deu através da apreciação das produções culturais, do documentário do Maracatu Nação Pé de Elefante e de vídeos de cortejos e desfiles do mesmo. O seu reconhecimento nacional, possibilitou que o Maracatu, se tornasse Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.

Para corporificar a dança do Maracatu, lidamos com os percalços, como, por exemplo, o curto tempo de estágio que impactou nos processos criativos, impossibilitando que as crianças saíssem do lugar de reprodutoras para o lugar de criadoras em Dança. De antemão, o processo de corporificação não se limita apenas a decorar e copiar os movimentos, ele parte da compreensão dos contextos, das histórias e atravessamentos. Tais pontos foram sinalizados na compreensão, como, por exemplo, das pisadas, dos movimentos dos braços, dos giros e das formas de se estar presente no Cortejo de Maracatu.

A feitura do Cortejo de Maracatu com as crianças, desde a apreciação de vídeos, da compreensão e do dançar, até vivenciar o Cortejo do Maracatu, da confecção do Estandarte e do Sândalo e desembocar no produto artístico, mostrou-se como um forte indicativo para construção de uma Educação Antirracista em Dança significativa e centrado na valorização dos saberes e fazeres das culturas negras. Assim, aproximar tais danças e culturas oportuniza a construção de outro imaginário averso àquele que se tem da pessoa negra escravizada: um imaginário de negros/negras/negres da realza e de pertencimento.

Referências Bibliográficas

Associação de Maracatu Nação Pé de Elefante. **Paraíba Criativa**, João Pessoa, 2020. Disponível em: <<https://www.paraibacriativa.com/artista/associacao-de-maracatu-nacao-pe-de-elefante/>>. Acesso: 20 mai. de 2023.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020. (Feminismo Plurais/ coordenação Djamilia Ribeiro).

BRASIL. **Lei 11.645/08 de 10 de março de 2008**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso: 20 mai. de 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revistas Estudo Feminista: Florianópolis*. v. 10, n. 1, 2002. Disponível: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100011>>. Acesso: 20 mai. de 2023.

FIALHO, Laís Azevedo. O Maracatu como Ferramenta Política e Descolonização da Cultura. **Revista do Núcleo de Estudos Interdisciplinares Afro-Brasileiros**: Paraná. V. 1, n. 01, 2017. Disponível em: <<http://sites.uem.br/neiab/revista-neiab/3-2.pdf>>. Acesso: 20 mai. de 2023.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. - 2ª ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Escrever além da raça**: teoria e prática. Trad. Jess Oliveira. São Paulo: Elefante, 2022.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. A distinção dos dois tipos de maracatus: a invenção de um conceito. **Revista Afro-Ásia**: Salvador, n. 61, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/29628>>. Acesso: 20 mai. de 2023.

MARQUES, Isabel Azevedo. **Interações**: criança, dança e escola. Coordenadora: Josca Ailine Baroukh; Organizadora: Maria Cristina Carapeto Lavrador Alves. - São Paulo: Blucher, 2012b. (Coleção Interações).

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância Religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen 2020. (Feminismos Plurais - coordenação de Djamilia Ribeiro).

PARAÍBA. **Proposta Curricular do Estado da Paraíba**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. - Paraíba Educa -, 2018. Disponível: <<https://pbeduca.see.pb.gov.br/p%C3%A1gina-inicial/propostas-curriculares-da-para%C3%ADba>>. Acesso: 20 mai. de 2023.

SALGUEIRO, Lais. Dança do Maracatu - Aprendendo suas formas com Mestre Mauricio. **Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia**, v. 1, n. 40, p. (128-155), Abr, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41779>>. Acesso: 20 mai. de 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 15ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

SOUSA, Heloisa de. Maracastelo: a história de um coletivo de cultura em João Pessoa. **Brasil de fato. Paraíba**: João Pessoa, 2019. Disponível em: <<https://www.brasildefatopb.com.br/2019/11/29/maracastelo-a-historia-de-um-coletivo-de-cultura-em-joao->

REALIZAÇÃO



UFRJ

PPGDAN
UFRJ

Anda
associação nacional de
pesquisadores em dança